DOI: http://dx.doi.org/10.1590/2316-40184610

Crianças que sofrem: representações da infância em livros distribuídos pelo PNBE

Rosa Maria Hessel Silveira[1]
Marta Campos de Quadros[2]

Abrindo livros e lentes por onde olhar

Ao se propor um estudo sobre literatura infantil,[3] é imprescindível que se pense em seu público leitor por excelência (ou por definição) – a criança e, em articulação, a infância, concepção não fixa nem cristalizada que tem sido, historicamente, objeto de disputas discursivas e práticas variadas. Se, no senso comum, a infância tem sido entendida como o período que vai do nascimento ao início da adolescência, tal acepção oculta o fato de que "infância" é uma categoria cultural e historicamente construída. Ariès (1981), em sua conhecida obra *História social da criança e da família*, já argumentava que o termo "infância" nem sempre teve o significado atual, uma vez que o mundo medieval teria ignorado a infância como fase destacada da vida e, somente a partir do século XVII, teria havido condições, no contexto da burguesia, para a emergência de uma concepção de infância mais próxima à acepção moderna do termo. Também para Heywood (2004), esse período da vida humana só pode ser compreendido como uma construção social, já que os termos "criança" e "infância" são usados de formas diversas em diferentes épocas e lugares, condicionados a questões culturais, filosóficas, econômicas e, até, religiosas. Esse autor também se associa àqueles que postulam a existência de várias infâncias, marcadas por temas e concepções que podem se repetir em diferentes épocas, enquanto concepções opostas podem conviver em um mesmo período.

A partir da questão das representações do que seja a infância, diferentes disciplinas formularam respostas tão díspares quanto

---

[1] Doutora em educação e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: rosamhs@terra.com.br
[2] Doutora em educação e pós-doutoranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Presidente Prudente, SP, Brasil. E-mail: radiocapelinha2@gmail.com
[3] O presente ensaio é simultaneamente um recorte de pesquisa em andamento, com apoio do CNPq e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), denominada "Literatura infantil: um estudo sobre leituras de obras selecionadas com leitores de anos iniciais", que nos possibilitou um exame mais acurado da constituição dos acervos do PNBE, assim como da receptividade de algumas de suas obras e um exercício de possibilidade para investigações futuras.

curiosas. Lajolo (1997) trata desse tema em *Infância de papel e tinta*, argumentando que passamos por distintas concepções de infância: a criança como um adulto em miniatura; como um ser essencialmente diferente do adulto; como uma espécie de tábula rasa, onde se pode inscrever qualquer coisa etc. A partir disso, a autora ressalta que a literatura (infantil) acompanha tais mudanças, colocando em tela essas diferentes visões, seja a partir das narrativas verbais, seja através das narrativas imagéticas e, ainda, da articulação de ambas. Assim, podem-se observar em diferentes obras da literatura infantil representações da infância como inocência a ser preservada, ignorância ou fraqueza a serem supridas ou tornadas razoáveis (Ariès, 1981); como origem de todos os problemas e/ou como possibilidade de superação/redenção futura dos problemas que os adultos de hoje se colocam, seja pela tecnologia ou pela magia, ou ainda pela conjugação de ambas (Appelbaum, 2003); como lugar de expressão de diferenças geracionais, étnicas, de classe e gênero.

Segundo Lajolo (1997), a literatura (infantil), enquanto formadora de imagens, mergulha no que se pode chamar de imaginário coletivo e simultaneamente o fecunda, construindo e desconstruindo perfis de crianças que parecem combinar com as imagens de infância formuladas e postas em circulação a partir de outras esferas, sejam estas científicas, políticas, econômicas ou artísticas. Considera-se, pois, que a literatura para crianças tem sido um importante artefato pedagógico no qual se concretiza uma dada imagem de infância. Por outro lado, ainda que, nas últimas décadas, tal literatura tenha sofrido inflexões que atenuaram seu caráter moralista e pedagógico, os discursos educativos circulantes continuam lhe atribuindo um importante papel na formação de sujeitos. Tal objetivo fica evidente tanto na letra das políticas públicas brasileiras, cujo objetivo é democratizar o acesso a obras de literatura infanto-juvenil e a materiais de referência a professores e alunos das escolas públicas brasileiras, quanto na sua materialização através da seleção e distribuição de acervos de livros para tais escolas.

O Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) é um desses programas. Desde 1997, o Programa avalia, seleciona e distribui a todas as escolas públicas do país obras julgadas de caráter literário que têm como segmento de público visado leitores de diferentes níveis de escolarização, ainda que ações de acompanhamento, avaliação e pesquisa dos usos e efeitos desses livros na educação sejam poucas e não sistemáticas,

"sinalizando a necessidade de uma política que avance para nova etapa, além da distribuição" (Cademartori, 2012, p. 9). O PNBE, executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), em parceria com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (Paiva, 2012), tem buscado romper com uma visão utilitária e funcional dos textos literários, tradicionalmente apresentados na forma de excertos em livros didáticos, o que descaracterizaria a sua natureza literária polissêmica e obstaculizaria uma interação mais produtiva entre o leitor e a narrativa literária verbal e/ou visual.

Os acervos compostos pelo PNBE compreendem obras de diversos gêneros literários e suportes, procurando potencializar o desenvolvimento de diferentes habilidades demandadas no ato de ler, que precisariam ser fomentadas. Tais acervos, conforme a letra oficial, consideram a conveniência de os alunos de anos iniciais, entre outros, terem acesso a uma parcela representativa da crescente produção de livros para crianças, com sua ampliação do leque de tipos e gêneros literários, disponibilizando obras com narrativas diversas, contos de fadas, lendas, cordel para crianças, histórias contemporâneas, assim como histórias em quadrinhos, obras poéticas, obras teatrais e livros de imagens. O Programa, ao tornar acessíveis diferentes obras infantis no ambiente escolar, propiciaria uma reconceptualização do ato de ler e da abordagem da leitura, ampliando as possibilidades e o entendimento do que seria adequado para as crianças contemporâneas.

Em meio a essa complexa rede de conexões e articulações, nos interessou inicialmente analisar a imagem de infância plasmada em um conjunto de livros escolhidos dos acervos compostos pelo PNBE para anos iniciais do ensino fundamental, constituídos para os anos de 2012 e 2014. Uma análise preliminar de vinte obras, tanto de autores brasileiros como traduções, nos mostrou, entretanto, a alta ocorrência de representações do que chamamos "a criança que sofre" – ou seja, a personagem criança que, durante grande parte do enredo ou passagens deste, experimenta sofrimentos de origem diversa. A partir dessa constatação preliminar, portanto, decidimos nos debruçar especificamente nessa imagem e, para proceder a tal análise, escolhemos oito obras apenas de autores brasileiros, procurando-se um equilíbrio entre títulos de um e outro acervo (3 e 5, respectivamente). É relevante destacar que em ambos os acervos há um importante número de obras traduzidas a partir de textos criados por autores/ilustradores

estrangeiros e que, em parte, constroem representações da criança/infância nesse mesmo enfoque.

Outro aspecto a ser sublinhado refere-se ao fato de se ter buscado nesse recorte contemplar livros que contivessem narrativas, ora com texto verbal e ilustrações, ora apenas com imagens – gênero que tem sido denominado *wordless child book*, segundo correntes teóricas anglo-saxônicas, ou *álbum de imagens*, conforme autores ligados ao pensamento hispânico (Hunt, 2010). Ainda, tematizou-se especificamente uma dimensão da construção dessa infância nas obras selecionadas, qual seja, a configuração das personagens infantis, considerando ações, atitudes, relações familiares e sociais, pertencimentos de gênero e outros, e pressupondo-se a existência de repercussões em termos de identificação e de esboço modelar nos pequenos leitores brasileiros. Para a análise, consideraram-se tanto o texto verbal quanto as ilustrações e os paratextos de tais obras, buscando-se rastrear permanências, mudanças, novas nuances e ausências de representações documentadas de infância, como as citadas anteriormente.

Personagens infantis e imagens de infância

A importância das personagens na estruturação das narrativas é sobejamente reconhecida. Assim, Cademartori (2009, p. 27), ao focalizar o ponto de vista da recepção, observa que "é por via da personagem que aderimos afetiva e intelectualmente à narrativa" e relembra, ainda, que, sob o ponto de vista da estrutura narrativa, "uma personagem se dá a conhecer pelas informações sobre quem é, o que faz, como se relaciona com as demais e reage diante de certas situações". Por outro lado, é mister reconhecer que as personagens das narrativas infantis não costumam ter a complexidade de algumas personagens de obras da chamada literatura adulta (Shavit, 2003, p. 11), tendo em vista tanto a extensão de tais narrativas quanto a imagem de destinatário que preside a sua própria produção.

Não obstante tal simplicidade frequente no gênero, qualquer estudo sobre personagens dos livros para crianças demonstra com facilidade as transformações que tais caracteres sofreram no decorrer do tempo, uma vez que o próprio conceito de infância foi se modificando, conforme explanamos anteriormente. Longe vão os tempos em que, por exemplo, as personagens infantis serviam de suporte para propósitos abertamente

pedagógicos e formativos concretizados através do castigo e da "correção" dos protagonistas mirins, enfatizando-se a obediência e o respeito à moral e a valores cristãos, como é o caso de uma autora amplamente lida pelas crianças do mundo ocidental do século XIX e até meados do século XX – a Condessa de Ségur, para citar apenas um exemplo. Por outro lado, há que se considerar que, se mudaram os tempos, as ideias dominantes e os discursos hegemônicos, não se alterou, entretanto, o fato de que os livros para crianças contêm representações, imagens, ideias e avaliações embutidas em seus enredos (e seus nexos causais), em suas personagens e na forma como ambos são apresentados e destinados para as novas gerações, as quais são entendidas, por sua vez, dentro de conceitos não estáveis, conforme observa Hunt (2010), de "infância".

É por entendermos que a colocação em cena – através do texto verbal e do imagético – dos protagonistas infantis nas obras para crianças reflete e (re)produz representações de infância que circulam num dado espaço e tempo, é que o presente estudo analisa oito obras escolhidas – conforme critérios já referidos – entre as 200 obras que formam os acervos do PNBE 2012 e 2014, nos dois últimos anos em que foram distribuídos volumes para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental brasileiro – de 5 a 11 anos, aproximadamente. Objetivando complementar a caracterização das obras que examinamos, lançamos mão de uma divisão didática proposta por Colomer (2003, p. 192) para apresentar os gêneros e temas da narrativa infantil e juvenil da segunda metade do século XX. Inspirada por Huck et al. (1987), a autora espanhola divide as obras em realistas – entendidas como "obra(s) de imaginação, que pretende(m) refletir a vida tal como foi vivida no passado ou poderia ser vivida no presente" (Colomer, 2003, p. 196) – e em obras de fantasia, incluindo nestas tanto as versões modernas dos contos populares quanto a ficção científica e a "fantasia moderna". Por fantasia moderna, ainda sob inspiração de Huck et al., Colomer (2003, p. 193) entende as "obras escritas hoje, que contêm elementos inexistentes na realidade", desde que tais elementos fantásticos não sejam próprios dos contos tradicionais. Como veremos, as obras pesquisadas podem ser divididas entre esses dois tipos de estrutura composicional, o que nos facilita o seu entendimento.

Vamos, pois, às obras e a suas representações de crianças/infâncias. Com o estrito objetivo de organização textual, separamos tais

representações em quatro eixos maiores, ainda que várias obras incidam em mais de um deles, como se poderá depreender da leitura do texto.

A criança que sofre: pobreza e trabalho infantil

Lajolo e Zilberman, em análise feita em 1985, pontuam que foi com Odette de Barros Mott, através de obras publicadas na década de 1970, que "o submundo urbano de menores abandonados se fez presente em muitas obras" (Lajolo e Zilberman, 1985, p. 139) da literatura infanto-juvenil brasileira. As autoras observam ainda que, no deslocamento do cenário rural para o cenário urbano nas narrativas para crianças, delineiam-se condições para que tais narrativas tematizassem "pobreza, miséria, injustiça e marginalidade" (Lajolo e Zilberman, 1985, p. 140). Já Zilberman (2005), em obra publicada vinte anos após a anterior, relembra a tradição da abordagem dos "menores desamparados" nos folhetins e romances para adultos ou para jovens (como em Oliver Twist, de Charles Dickens), abordagem que via de regra trazia um desfecho consolador em que o menor encontrava seu lugar na sociedade. A tal forma de tematizar a infância, a autora contrapõe algumas obras mais recentes, como *Pivete*, de Henry Corrêa de Araújo, publicada em 1977, em que não há recuperação para o "menino contraventor" nem solução mágica para o problema social nele encarnado.

Pois bem: tal vertente, que, de certa forma, desmistifica a visão idílica e celebratória da infância feliz e socialmente bem aquinhoada, também é representada em três obras do nosso conjunto. Vemos, inicialmente, que se filia a essa forma de olhar a infância, a partir de um quase retrato sem retoques da realidade urbano/rural e da marginalidade econômica e social, a obra – de cunho realista – *Carvoeirinhos*, de Roger Mello (2009), que focaliza a dura temática do trabalho infantil.

Destacamos que o livro, que foi agraciado com o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil de 2010 e é livremente inspirado num poema célebre de Manuel Bandeira, "Meninos carvoeiros",[4] "narra a infância dura e cinzenta dos pequenos carvoeiros [...], tendo como narrador o marimbondo, que observa o menino em seu trabalho e em suas

[4] O poema "Meninos carvoeiros", de Manoel Bandeira, datado de 1921, além de temas como a miséria, pobreza e abandono, aborda o trabalho infantil em contraposição às metáforas muito tênues do brinquedo como atividade positiva de dada infância (Lajolo, 1997).

brincadeiras" (Mello, 2009, contracapa). Enquanto busca uma lagarta para alimentar seu ovo, o marimbondo (cuja presença confere à obra o *status* de fantasia moderna) também relata o que observa em relação ao trabalho dos meninos carvoeiros, trabalhando em fornos de barro, suas conversas, seus estratagemas para fugir da fiscalização e sua busca do que se considera habitualmente como a vivência infantil por excelência – a brincadeira. A opção do autor por uma linguagem altamente metafórica e uma prosa elíptica, além das ilustrações estilizadas e requintadas, abre um leque de interpretações ao desenrolar da história, na qual aos momentos duros da vida do menino se mesclam momentos e sonhos infantis de fuga à realidade.

Assim como no poema de Bandeira, Mello faz menção ao trânsito entre o campo e a cidade, entre o rural e o urbano, que caracteriza tão bem a vida cotidiana da primeira metade do século XX, um campo que abastece a cidade e que aos poucos dá lugar aos elementos do dia a dia urbano. É nesse movimento que as crianças como *adultos em miniatura* voltam a ocupar o lugar de *gente grande*, primeiramente na atividade industrial (ainda que no ambiente rural continuem a desempenhar tarefas de adultos em auxílio às famílias) e, posteriormente, na informalidade do comércio. A respeito da relação entre o trabalho infantil e a literatura para crianças, Martins (2009, p. 43) considera que essa infância brasileira travestida de adultez tem sido pouco representada, pois "permanece invisível aos olhos de escritores que ainda fazem questão de perpetuar a ideia de uma infância inteiramente idealizada", em uma alusão que focaliza – em nosso entendimento – a maioria das obras, mas, evidentemente, não a sua totalidade.

É a mesma autora que em outro texto (Martins, 2013) insiste na quase invisibilidade da "criança que trabalha" – problema que, passados vinte anos de promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, ainda persiste – nas obras de literatura para crianças e adolescentes. Argumenta Martins (2013, p. 146) que outro ponto que mereceria e reflexão é o "sumiço da infância de rua das páginas da literatura", pois o problema tem se agravado bastante desde a década de1930 (período por ela analisado no texto) e "somente alguns pouquíssimos escritores de literatura infantil voltaram seus olhares sobre a infância que perambula pelas ruas".

Em *Cena de rua*, livro de imagens criado por Angela Lago (1994), essa tendência é subvertida. A obra, que recebeu vários prêmios no

Brasil, na Europa e nos Estados Unidos e foi considerada um dos melhores livros de imagens do mundo, já compôs os acervos dos projetos Cantinho de Leitura, Programa Nacional Salas de Leitura Bibliotecas Escolares e PNBE 2014 – anos iniciais do Ensino Fundamental. Nela a criança que trabalha vendendo frutas em meio aos automóveis das grandes cidades, encarnada em uma personagem na forma de um menino, ocupa as páginas da narrativa de imagens, sem palavras, em toda a sua amplitude.

Na obra de Lago, as cenas se sucedem página a página mostrando o medo do garoto diante da expressão de raiva do homem que dirige um carro; o seu susto frente ao cão que avança sobre ele para proteger a motorista; a surpresa ao ter um produto roubado pelo homem que conduz um carro; ou mesmo ao se deparar com o temor da idosa que, vendo o pequeno vendedor pelo vidro quase fechado, segura fortemente a bolsa com medo de que o menino a furte. Conforme mostrado pela narrativa com imagens, ao final do trabalho, a personagem senta-se triste à beira da calçada, para comer as frutas que não vendeu e, diante do olhar surpreso dos passantes, as divide com um cão igualmente faminto. Mas é nesse momento da história que as múltiplas carências do menino, através de uma ação que reverte as expectativas criadas até então, se convertem em uma outra face da marginalidade, em delinquência: o garoto avança sobre um carro parado em um semáforo e pela janela traseira rouba um pacote, deixando os ocupantes do automóvel estarrecidos. Assustado pela reação dos passantes, o menino corre e se esconde para abri-lo, verificando a existência na caixa de outras frutas, que volta a vender, remetendo à mesma cena de rua que se repete em uma espécie de recomeço infinito.

As imagens na forma de pinturas que tecem contrastes coloridos, em relação ao fundo preto, em *Cena de rua*, indicam a dramaticidade das cenas protagonizadas pelo menino, que podem ser facilmente identificadas pelo pequeno leitor, a quem a narrativa está endereçada. Tais cenas são presenciadas pelos leitores cotidianamente nas ruas que constituem seus múltiplos trajetos pelas cidades percorridos como pedestres ou passageiros de transporte coletivo ou privado.

É também a partir de uma cena de rua em uma grande cidade como lugar não seguro para o exercício da infância que a obra *A vendedora de chicletes* (2013), criada por Fabiano Moraes e ilustrada por Claudio

Cambra, coloca em tela a representação da criança que sofre em razão da sua inscrição em situação de pobreza e trabalho infantil. A obra é apresentada como uma adaptação do conto "A pequena vendedora de fósforos" escrito por Hans Christian Andersen, em 1845, e inclui elementos de ambientação contemporâneos – o fato de vender chicletes em vez de fósforos e estar acompanhada de "tantos sem-teto que sofriam as privações das diferenças sociais" (Moraes, 2013, p. 9), entre outros – que buscam atribuir atualidade à narrativa.

O enredo de *A vendedora de chicletes* é semelhante ao da obra de Andersen: uma menina pobre vende chicletes nas ruas de uma cidade sem ser notada pelos passantes, em meio ao movimento do final de tarde que antecede a noite de Ano-Novo. Com fome e frio, desanimada e temendo os maus tratos que sofreria ao voltar para casa por não ter vendido nenhum chiclete, caminha sem rumo até cansar. "E faminta resolveu mascar um chiclete na ilusão de alimentar-se daquele doce e imediato prazer" (Moraes, 2013, p. 17), mascando um após o outro, tal como a menina vendedora de fósforos ao riscá-los, buscava sentir o bem-estar de uma casa confortável e quente, do afeto da mãe já falecida, de uma mesa farta. À semelhança do conto de Andersen, é a figura de uma avó, "de quem havia se perdido nos descaminhos da vida" (Moraes, 2013, p. 19), que metaforicamente possibilita inferir a resolução da história: a morte da menina como forma de alcançar a felicidade, de livrar-se do sofrimento. Através do texto verbal e imagético – as ilustrações são produzidas a partir de múltiplas texturas, cores e elementos, além do desenho –, o leitor é colocado diante de um mundo infantil marcado pela inocência e pureza, mas sem a força dramática da situação proposta por Andersen: se a representação da avó da menina não remete ao mundo religioso cristão na narrativa verbal como o faz a narrativa do autor dinamarquês, a última ilustração apresenta a garota vendedora de chicletes como uma espécie de querubim, um anjo de asinhas brilhantes, auréola dourada que paira sobre nuvens.

Assim, a partir do exposto, podemos constatar nos dois primeiros livros que as representações remetem à infância que sofre em razão do trabalho e da inscrição em dada situação de pobreza. Elas estão apresentadas desde uma narrativa instigante, que é "capaz de prender a atenção até mesmo dos leitores mais preguiçosos, principalmente porque lhes desperta a curiosidade" (Martins, 2009, p. 44), conforme

aspectos já destacados, e que coloca o leitor em contato com a dura realidade dos pequenos trabalhadores. De outro modo, em *A vendedora de chicletes* tal efeito não é obtido. Isso não acontece, em razão, principalmente, da vontade do autor de "convencer" explicitamente o leitor sobre a necessidade de mudar tal situação social e do tom pedagógico que a obra assume ao buscar "denunciar" e "promover" a consciência do leitor iniciante sobre o contexto de injustiça social – do qual o trabalho infantil e a pobreza são parte – e a necessidade de mudança. Autor e ilustrador fazem uso de clichês verbais e imagéticos que tangenciam representações panfletárias da infância em situação de abandono e das situações enfrentadas pela pequena vendedora. Esse aspecto é observado na contracapa quando se afirma que:

> O mais estranho dessa história que se repete a cada ano (desde antes, muito antes do tempo em que Andersen escreveu o conto que inspirou esta história) foi que, em meio às festas, os fogos e às mesas fartas daquela cidade, pouquíssimas pessoas foram capazes de parar um minuto ao menos para pensar e refletir, ou mesmo para se perguntar: Quantos anos-novos passarão até que possamos comemorar o fim da desigualdade em nosso mundo? Quando poderemos celebrar o início de um tempo em que todos possam viver com dignidade? (Moraes, 2013, contracapa)

Nessas três obras, pôde-se constatar, pois, que a vertente aberta pelos autores com preocupações sociais da década de 1970 continua produtiva e, ademais, conta com receptividade nos acervos oficiais. E, diferentemente da visão conciliadora que, no dizer de Zilberman (2005), sempre reservava um lar e um final feliz para as crianças pobres de tais histórias, os livros analisados fogem às soluções tranquilizadoras, apostando, de forma ou mais poética ou mais linear e doutrinária, na possibilidade de o pequeno leitor se questionar sobre esta criança que pode integrar uma "outra" infância, distinta da sua, mas que também pode ser, de certa forma, a sua. Dito de outra forma, pela pluralidade de crianças/infâncias endereçadas pelas obras selecionadas para fazerem parte dos acervos do PNBE direcionados às escolas públicas de todo o país, as crianças/personagens e representações de infâncias podem fazer parte do contexto familiar, escolar e/ou comunitário da criança leitora.

A criança que sofre: dificuldades de convívio da criança com seu entorno

Nem sempre, entretanto, o sofrimento das personagens infantis retratado em obras de literatura (infantil) emerge de situações de pobreza, de desamparo social ou de trabalho. As amarguras e dores da infância muito frequentemente, na vida real, advêm de desajustes, medos, vergonhas e aflições que brotam do convívio da criança com seu entorno, das experiências relacionais com seus pares, com sua família, com integrantes da comunidade escolar da qual participam. Personagens que passam por situações de sofrimento dessa ordem são encontradas também em outras obras do conjunto em análise.

Arapuca, de Daniel Cabral (2010), que, conforme informa o paratexto, é uma recriação do conto clássico de Andersen "O rouxinol e o imperador", nos traz, através de uma narrativa exclusivamente imagética, o que parece ser o contexto de uma vila popular em uma cidade grande na qual se apresenta uma personagem adulta que vive da reciclagem do lixo, como catador de papel. A pobreza do ambiente ou as dificuldades trazidas pela carência de alguns bens, entretanto, não são a fonte das angústias e dos sofrimentos do protagonista, apresentado com dotes artísticos ligados às artes visuais – o que se pode inferir pelas imagens de produção em forma de mural a partir de materiais reaproveitados, em texturas e desenhos diversos confeccionados pelo garoto sobre a parede do seu quarto. O protagonista não brinca com as outras personagens crianças da comunidade e obtém o reconhecimento dos seus pares quase exclusivamente por esses dotes.

Nesse sentido, as angústias do protagonista brotam do fato de ele ser momentaneamente "esquecido" pelos seus amigos, atraídos pelo canto do pássaro que ele captura e coloca em uma gaiola; e, depois, pela fuga do pássaro capturado. Uma possível leitura das expressivas imagens de Daniel Cabral – e devemos considerar, com Paulo Ramos (2010, p. 108), que, no caso dos livros de imagens, "a interação do leitor torna-se mais imprescindível do que em qualquer outro tipo de livro para a elaboração da narrativa" – aponta para uma história realista, em que todos os elementos e fatos podem ser considerados verossímeis, prescindindo de elementos fantásticos. No caso, os sofrimentos, embora passageiros, do protagonista, se devem tanto ao esquecimento por parte

de seus companheiros e vizinhos quanto à solidão e à falta do passarinho cantor representada na forma de falta de apetência e presença de febre. Os fatos do enredo e o desfecho final, entretanto, solucionam de uma maneira fluida tais sofrimentos, que não se caracterizam como aflições duradouras ou ocasionadas pela negligência das personagens adultas.

Também a zombaria dos amigos da mesma idade, mas agora em face das suas histórias imaginativas, que angariavam o descrédito de quem as ouvia, faz a personagem Obax, do livro do mesmo nome, sentir-se triste e solitária. Com texto e ilustrações de André Neves, a obra, laureada com o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil de 2011, é ambientada em uma aldeia na savana africana e também constitui uma fantasia moderna, na qual o poder da imaginação é posicionado como tema central. Aqui, é um elemento mágico que reverte a zombaria e o sentimento de exclusão da personagem: trata-se de uma pedra, que era "considerada" um elefante companheiro por Obax e que, após ser enterrada pela menina, germina em um baobá, cheio de flores e de tal maneira frequentado por pássaros, que acaba provocando uma "chuva de flores", à qual a menina fazia referência em suas histórias. Já digna de crédito e reconhecida em sua aldeia, a pequena Obax emerge, então, de seu sofrimento, numa espécie de parábola sobre a força da imaginação e a dificuldade de ela encontrar sua legitimidade social.

Se, em *Obax*, as zombarias contra a protagonista negra provêm da incredulidade das outras personagens em relação a suas histórias, em *Pedro Noite*, prosa poética de Caio Riter (2011), ilustrada por Mateus Rios, o que temos são situações abertas de rejeição racista ao menino Pedro, "menino da cor da noite", criado pela "velha Cida, sua quase avó" (Riter, 2011, p. 10) que "aquela cor não tinha". Ser chamado de sujo, de "filho de besta, filho do velho do saco" (Riter, 2011, p. 14) pelos meninos brancos, entristece o menino que, um dia, é incentivado pela vó adotiva a reconhecer a sua beleza. Coutinho (2011), ao analisar a infância na obra de Machado de Assis, observa a presença de representação do sofrimento infantil na vida cotidiana a partir de experiências de ridicularização inscritas em dado modelo de convivência entre classes sociais e pertencimentos étnico-culturais. Na literatura para crianças, tais experiências tomariam corpo na forma de arrogância e mesquinhez da criança branca abastada. Seguindo essa linha da análise, no caso de *Pedro Noite*, observamos que seu sofrimento

está ligado a múltiplas situações de ridicularização que aparecem a partir de aspectos que marcam as diferenças socioeconômicas e étnico-raciais e são evidenciadas nas ilustrações: "os meninos de olhos verdes", que perceberam "que Pedro não era igual na cor e foram logo apontando,/cada vez que ele passava" (Riter, 2011, p. 12), vestem meias e sapatos, além de camisetas de uniforme de times de futebol, enquanto a personagem Pedro está com os pés descalços e com uma camisa abotoada de pano, para citar um exemplo.

A superação do sofrimento da personagem Pedro está ligada ao autorreconhecimento de pertença étnico-cultural. É através da personagem do velho Juvenal também ridicularizado pelos "peles claras, olhos claros de arregalo", por ser "um velho negro, sem dentes,/ por que todos sentiam asco,/ pois sempre viam nele o temível [e popularizado através das narrativas populares] velho do saco,/ todo curvado coitado," (Riter, 2011, p. 15), que Pedro assume sua identidade étnico-cultural. O velho Juvenal lhe traz histórias de sua ancestralidade e das dores e lutas vividas pelo seu povo, que, digamos, possibilitam que a personagem menino se reconheça como parte de algo maior: "Pedro então abriu sorriso/ para tudo que entendeu, / sua pele era mesmo herança/ de um povo há muito seu..." (Riter, 2011, p. 25). A obra, de feitio realista, é arrematada, à guisa de um selo de autenticidade, por versos que mesclam expressões da língua yorubá à língua portuguesa.

Se o sofrimento e as angústias das personagens mirins das obras até aqui apresentadas advêm das dificuldades impostas pela pobreza e pelo trabalho infantil, da rejeição da criança pelos seus pares por motivos diversos, a obra que a seguir descreveremos volta-se para dificuldades que se articulam a condições específicas da vida contemporânea urbana e a seus impactos no cotidiano familiar. Não por acaso, seu nome é *Controle remoto* (2009), escrita por Tino Freitas e ilustrada por Mariana Massarani.

É com humor e uma prosa descarnada – as personagens, por exemplo, são nomeadas apenas como "homem", "mulher", "os adultos", "bebê", "o menino", sem receberem nomes próprios – que o texto de Freitas nos conta a história de um bebê que é trazido pela cegonha junto com um controle remoto, cujas teclas permitem seu controle pelos pais. *Play*, *sleep*, *stop*, *menu*, *repeat* são algumas das teclas utilizadas por pai e mãe para controlar a vida do menino, enquanto se

entretêm vendo TV ou no computador ou, ainda, são retratados chegando do trabalho em casa.

Observamos que o sofrimento da personagem menino não é descrito, mas está claramente pressuposto quando se mencionam os momentos de "escape" do controle: "Estava feliz como nunca" (Freitas, 2009, p. 35). Na sequência da história, tal controle ou a impossibilidade de que seja exercido de forma plena são evidenciados, primeiramente, pelo fim da carga das pilhas do aparelho, sem que "homem" e "mulher" se deem conta da necessidade da troca; e, depois, por um conjunto de "sintomas de desajuste" ao controle que a personagem menino apresenta, denominado "Síndrome da Controlerremotite Aguda", para o qual o técnico consultado (um *alter ego* do autor?) aponta uma solução: "O menino não precisa de CONTROLE REMOTO! [...] Esse tipo de aparelho só serve para adultos que esqueceram como funcionam as crianças, e só em casos graves!" (Freitas, 2009, p. 41).

As páginas seguintes mostram, do ponto de vista do narrador onisciente, o que seria esse "funcionamento desejável" da infância: convívio familiar mais estreito, homem e mulher se transformando em "pai" e "mãe", e o menino se transformando em "filho", numa composição familiar temperada pelo amor recíproco. Na sequência final, o controle remoto é utilizado apenas em "uma ocasião especial: toda a noite, já com a luz apagada, pai e mãe, lhe davam um beijo de boa-noite e, antes de sair do quarto, diziam: / – FILHO NÓS TE AMAMOS" (Freitas, 2009, p. 47). Nessa situação, a personagem menino/filho, com o controle remoto escondido sob o travesseiro, pressionava a tecla *repeat* para ouvir novamente a declaração de afeto dos pais e, então, afirmava: "Pai, mãe, eu também amo muito vocês" (Freitas, 2009, p. 53), que é a frase final do livro.

Nesse conjunto de quatro obras que compõem o eixo por nós denominado "a criança que sofre: dificuldades de convívio da criança com seu entorno", pois, mesclam-se tanto "fantasias modernas" (*Obax* e *Controle remoto*) quanto narrativas de caráter realista (*Pedro Noite* e *Arapuca*). Nelas a personagem criança experimenta amarguras e dores que brotam de um desajuste entre a sua forma de ser, suas disposições psíquicas, seu pertencimento étnico-cultural, suas vontades e expectativas e a comunidade que a cerca: os pais, os colegas, os amigos, a vizinhança. Observamos que, de uma ou outra forma, entretanto, esses sofrimentos se resolvem: ora pela modificação do entorno social,

como é o caso da família de *Controle remoto* e da comunidade imediata em que está inscrita a menina de *Obax*, ora pela própria conscientização das condições implicadas no sofrimento pelo protagonista, como é o caso em *Arapuca* e *Pedro Noite*.

É interessante apontar, dentro do escopo desta análise, nessas quatro obras, a emergência de temas há até pouco tempo ausentes ou raros na literatura para crianças, como a abordagem dos efeitos da intensa presença da tecnologia e da mídia nas interações vivenciadas cotidianamente no contexto familiar e a abordagem do racismo explícito nos próprios grupos infantis. No mesmo sentido, destacamos a importância crescente das imagens como complemento às narrativas verbais ou como elemento constituidor principal da narrativa. Unicamente a partir das imagens, informa-se ao leitor que a família representada em *Controle remoto*, por exemplo, é constituída de personagens negras, à semelhança do que tem ocorrido com as famílias constituídas de personagens brancas ao longo do tempo.

A criança que sofre: os medos infantis

Com o objetivo de ensinar, assustar ou alertar as crianças sobre situações de perigo, o medo pode ser considerado uma presença constante nas narrativas que seguem a tradição oral. Conforme Bunn (2011, p. 1), "madrastas, bruxas, lobos ou ogros devoradores de crianças completavam o círculo sobre os medos do escuro, das sombras, de crescer, de morrer, de não ter o que comer ou de falar com estranhos". Contemporaneamente, os medos infantis ainda constituem um tema muito explorado por várias obras dirigidas às crianças na forma de narrativas originais ou recontos, entretanto, têm recebido novas roupagens a partir de elementos atuais e novas posturas das personagens que sofrem em razão da sua existência. A autora argumenta que "o medo como prazer estético apresenta-se de forma diferenciada das primeiras compilações e podemos ver claramente a linha divisória entre amedrontar e superar os medos" (Bunn, 2011, p. 1). Nesse sentido, a partir das ideias de Colomer (2003), é possível afirmar que os medos infantis, como aparecem em *Chapeuzinho Amarelo* (Buarque, 2011), se encaixam nos temas que remetem aos "conflitos psicológicos concretos da personagem e se constituem núcleo central da obra" (Colomer, 2003, p. 198).

O livro de autoria de Chico Buarque já é um clássico e teve a sua primeira publicação em 1979, quando foi considerado "altamente recomendável para crianças" pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 1997, em sua 6ª edição, é relançado com ilustrações de Ziraldo e no ano seguinte conquista o Prêmio Jabuti de Ilustração, atribuído pela Câmara Brasileira do Livro. A obra traz a história da protagonista que dá título ao livro. Chapeuzinho Amarelo tinha medo de tudo e, em função do medo, "já não ria. / Em festa, não aparecia" e "não brincava mais de nada, nem de amarelinha". Já no título, constata-se a carga semântica do amarelo conectado ao medo: sorriso amarelo, amarelo de susto, amarelo de medo. A personagem menina é mostrada em situação aguda de sofrimento pelo medo que a paralisava e fazia com que ficasse deitada sem dormir, por medo de pesadelos. Seu maior medo, contudo, era encontrar com o "tal do LOBO" (Buarque, 2011, s.p.). Porém, quando a menina se coloca frente à frente com o lobo, o medo passa. Com essa atitude, menina e ambiente transformam-se e ganham novas cores e tons e o lobo desestrutura-se com tal atitude, "e para manter sua fama de malvado, tenta assustar a menina e inutilmente grita 'lobo' inúmeras vezes para que o medo volte" (Bunn, 2011, p. 2).

Sandroni (2003, p. 86) sintetiza a arquitetura narrativa da obra quando afirma que Chico Buarque produz um texto que:

> poderá ajudar a uma percepção profunda de que lobos são mentiras com que alguns pretendem dominar os outros. Lacaniano, Chico demonstra que ainda na palavra encontra-se a chave do mistério. Usar o verbo, fazer do discurso arma, parece dizer o autor. Se falo e invento palavras novas posso transformar lobos em bolos e em seguida digeri-los, um a um.

Ou seja: é através de um empoderamento pessoal em que o jogo com a palavra, através da decomposição e recomposição do significante, transforma seu significado e o ameniza (lobo – bolo) que a protagonista vence seus medos e aprende, numa espécie de confronto interno, a lidar com os fantasmas assustadores, tão frequentes nas vivências infantis. Assim, ilustrativa do sofrimento que brota da vivência interna da própria criança, a resolução da situação dolorosa também emerge dessa disposição interna, num tipo de desfecho que tem sido frequente nas obras contemporâneas.

Ao finalizar esta análise, pois, verifica-se que as oito obras selecionadas apresentam a personagem criança que sofre tanto em função

de condições externas mais amplas (pobreza, trabalho infantil) quanto por injunções características da vida contemporânea (disputa entre a atenção dos pais a aparelhos eletrônicos ou aos filhos; estresse), pela não aceitação de seus grupos de pares (em função de uma característica pessoal) ou, mesmo, por disposições interiores, dentre as quais avultam os medos. E também, conforme a própria causa dessas dores e sofrimentos, os desfechos podem variar desde a resolução provocada por acontecimentos exteriores até aquela que se deve a mudanças pessoais, como conscientização, aquisição de autoconfiança, vivências de sonhos e de expectativas de superação de condições adversas.

Algumas considerações finais

Após este percurso pelas oito obras selecionadas dos acervos entregues a todas as escolas públicas brasileiras em 2012 e 2014, julgamos possível apresentar algumas sínteses que não têm a pretensão de fechar as possibilidades de análise das representações de infância na literatura infantil contemporânea, bem como de ter esgotado as imagens que povoam tal literatura. A infância que sofre (mas que encontra saídas para esse sofrimento) são representações que reiteram ou atualizam (para os discursos e práticas da contemporaneidade) traços atribuídos a essa idade da vida em momentos e contextos anteriores, como se pode ver no estudo de Lajolo (1997), já citado. Em seu percurso pela história da literatura brasileira, a pesquisadora alude tanto a uma visão idílica de infância (lembrada nos versos de Casimiro de Abreu e sua evocação à "aurora da minha vida") quanto a imagens amargas e duras das crianças, presentes, por exemplo, no já citado poema de Manuel Bandeira, "Os meninos carvoeiros" ou, mesmo, na conhecida canção de Chico Buarque de Holanda e Francis Hime, "Pivete". De certa forma, essas representações idílicas e amargas podem ser aproximadas ao que exploramos – representações da criança/infância que sofre.

Outra observação de Lajolo também nos auxilia a pensar a temática de algumas das obras analisadas. Relembra a pesquisadora que a "utilização da imagem da infância, como reforço a teses que interessam ao mundo adulto, é antiga na literatura ocidental" (Lajolo, 1997, p. 232), exemplificando tal utilização pela submissão da literatura infantil a vários projetos de redescoberta ou valorização da pátria, em vários países e momentos históricos. Não seria possível articular tal observação com os

intuitos de denúncia embutidos tanto nas obras que aludem à indiferença ou hostilidade às crianças nos ambientes urbanos de correria, competição, e*stresse*, quanto nas que denunciam o trabalho infantil?

Por outro lado, algumas dessas representações de infância estão conectadas à emergência de temas que não chegam a ter uma longa história na literatura infantil e que, por tal motivo, são definidos por Colomer (2003, p. 198) como *inovações temáticas*. É o caso dos "temas que remetem a conflitos psicológicos concretos dos personagens e que constituem o núcleo central da obra" – que poderíamos relacionar, por exemplo, à questão dos medos infantis tematizada em *Chapeuzinho Amarelo* (Buarque, 2011), assim como "temas que tradicionalmente foram considerados inadequados para crianças e jovens por causa de sua crueza [...] como problemas da condição humana (a enfermidade, a morte, a velhice, a solidão, a dor etc.)", que poderiam ser entrevistos em *Cena de rua, Carvoeirinhos* e *A vendedora de chicletes*, obras analisadas principalmente no primeiro eixo deste trabalho. A pesquisadora espanhola cita ainda como temas inovadores a emergência de temas sociais, "que se referem a problemas surgidos ou difundidos recentemente em nossa sociedade, tais como a ecologia, a defesa das minorias, a não discriminação em função de sexo ou raça, [...] a alienação das sociedades modernas" (Colomer, 2003, p. 198-199). Pudemos ver esses temas abordados em *Pedro Noite*, *Carvoeirinhos* e *Arapuca*, como questões de racismo e até de um certo ativismo ecológico que ali compareceram e vêm tendo maior visibilidade em vários títulos selecionados para comporem os acervos do PNBE.

Ainda que não tenhamos nos detido em tal categorização, vale a pena registrar que, nos oito livros analisados, tanto foram encontradas narrativas mais realistas, como *Arapuca, Pedro Noite* e *Cena de rua*, quanto obras que se caracterizam como fantasias modernas, a exemplo de *Obax* e *Carvoeirinhos*, que, entretanto, também não fogem à abordagem dos temas sociais e problemas contemporâneos, mas apenas o fazem de forma mais simbólica ou metafórica, como é o caso de *Controle remoto.*

Ainda à guisa de síntese da análise desse conjunto de oito obras tematizando a personagem criança que sofre, reportamo-nos a um contexto em que tradicionalmente – ao menos nos últimos séculos – a infância tem sido narrada, isto é, a família. Desse conjunto de livros, verifica-se que, em seis deles a família é mencionada e/ou está presente

em algum nível, quer em seu formato nuclear, como em *Controle remoto*, quer em seu formato "feminino", quando apenas a mãe ou avó é mencionada, como em *Pedro Noite* (em nenhum caso, houve apenas menção a pai ou avô) ou ainda como parte de uma comunidade mais ampla que cuida ou negligencia a infância como em *Obax*, *Arapuca e A vendedora de chicletes*. Em duas obras, entretanto, possivelmente por se referirem a vivências mais pessoais ou por sua brevidade, não se faz alusão a qualquer ligação familiar: *Cena de rua* e *Carvoeirinhos* – esta última, tendo, como contexto de relacionamento predominante e crucial no enredo, o grupo (de pares) em que a criança se insere, e não a família.

A respeito das representações do que denominamos "a criança que sofre" (a personagem criança que, durante grande parte do enredo ou passagens deste, experimenta sofrimentos de origem diversa), chamamos a atenção para os diferentes desfechos das narrativas, pois, fugindo à tendência de soluções apaziguadoras nos livros de literatura endereçados às crianças pequenas, destacada por Zilberman (2005), com a presença de um desfecho consolador em que o menor encontrava seu lugar na sociedade, as obras estudadas apresentam outros tipos de resolução. Em *Cena de rua* e *Carvoeirinhos*, não há a indicação de resolução para os sofrimentos das crianças: metaforicamente a narrativa propõe um final aberto, em que a recorrência desses sofrimentos se insere em um ciclo sem aparente fim. Já em *A vendedora de chicletes*, o sofrimento cessa pela morte da personagem e a sugestão de que assim a menina encontraria conforto. Por caminhos diversos, em cinco dos oito livros, a superação do sofrimento se dá a partir da consciência e ação produtiva da personagem criança, seja praticando os jogos verbais que atribuem novos e diferentes significados para os elementos desencadeadores do medo, em *Chapeuzinho Amarelo*; seja pela descoberta da origem étnico cultural, em *Pedro Noite*; ou ainda na (re)integração da criança à sua comunidade , em *Obax* e *Arapuca*.

Referências

APPELBAUM, Peter (2003). Harry Potter's world: magic, technoculture, and becoming human. In: HEILMAN, E. E. (Ed.). *Harry Potters's world*: multidisciplinary critical perspectives. London: Routledge Falmer.

ARIÈS, Philippe (1981). *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC.

BUARQUE, Chico (2011). *Chapeuzinho Amarelo*. Ilustrações de Ziraldo. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

BUNN, Daniela (2011). Medo e estranhamento na literatura infantil: estratégias narratológicas e recursos estéticos para arrepiar os leitores. In: PAINEL REFLEXÕES SOBRE O INSÓLITO NA NARRATIVA FICCIONAL, 7.; ENCONTRO NACIONAL O INSÓLITO COMO QUESTÃO NA NARRATIVA FICCIONAL, 2. Rio de Janeiro, UERJ, 29, 30 e 31 de março de 2010. *Anais...* Organização de Júlio França. Rio de Janeiro: Dialogarts. Disponível em: <http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/VII_painel_II_enc_nac_simposio_2.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2014.

CABRAL, Daniel (2010). *Arapuca*. Curitiba: Positivo.

CADEMARTORI, Lígia (2009). *O professor e a literatura*: para pequenos, médios e grandes. Belo Horizonte: Autêntica.

CADEMARTORI, Lígia (2012). Prefácio: somente distribuir não basta. In: PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa*: o PNBE na Escola – Distribuição, circulação e leitura. São Paulo: Editora UNESP.

COLOMER, Teresa (2003). *A formação do leitor literário*: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global.

COUTINHO, Fernanda (2011). Representações da infância na obra machadiana: o menino é pai do homem? *Machado de Assis em linha*, v. 4, n. 8, p. 67-81, dez. Disponível em: <http://machadodeassis.net/download/numero08/num08artigo05.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2014.

FREITAS, Tino (2009). *Controle remoto*. Ilustrações de Mariana Massarani. Rio de Janeiro: Manati.

HEYWOOD, Colin (2004). *Uma história da infância*: da Idade Média à época contemporânea no ocidente. São Paulo: Artmed.

HUCK, Charlotte et al. (1987). *Children's literature in the elementary school*. Fort Worth, Texas: Holt, Rinehart & Winston, Inc.

HUNT, Peter (2010). *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify.

LAGO, Angela (1994). *Cena de rua*. Belo Horizonte: RHJ.

LAJOLO, Marisa (1997). Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos César (Org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina (1985). *Literatura infantil brasileira*: história & histórias. São Paulo: Ática.

MARTINS, Georgina (2009). Trabalho e infância na literatura infantil e juvenil. *Revista Sinpro-Rio*, n. 4, p. 40-47, set. Disponível em: <http://www.sinpro-rio.org.br/download/revista/revista_trabalhadores.pdf>. Acesso em: 3 set. 2014.

MARTINS, Georgina (2013). Narradores da exclusão ou a infância pobre na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 41, p. 119-148, jan/jun. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9140/6859>. Acesso em: 18 ago. 2014.

MELLO, Roger (2009). *Carvoeirinhos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

MORAES, Fabiano (2013). *A vendedora de chicletes*. Ilustrações de Claudio Cambra. São Paulo: Universo da Literatura.

NEVES, André (2010). *Obax*. São Paulo: Brinque-Book.

PAIVA, Aparecida (Org.) (2012). *Literatura fora da caixa*: o PNBE na Escola – Distribuição, circulação e leitura. São Paulo: Editora UNESP.

RAMOS, Paulo (2010). *A leitura dos quadrinhos.* São Paulo: Contexto.

RITER, Caio (2011). *Pedro Noite.* Ilustrações de Mateus Rios. São Paulo: Biruta.

SANDRONI, Laura (2003). *Ao longo do caminho*: seleção de resenhas publicadas no jornal *O Globo* 1975-2002. São Paulo: Moderna.

SHAVIT, Zohar (2003). *Poética da literatura para crianças*. Lisboa: Caminho.

ZILBERMAN, Regina (2005). *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Recebido em outubro de 2014.
Aprovado em março de 2015.

resumo/abstract

Crianças que sofrem: representações da infância em livros distribuídos pelo PNBE

Rosa Maria Hessel Silveira
Marta Campos de Quadros

Este artigo analisa as representações de infância/criança na literatura infantil brasileira contemporânea a partir do marco teórico metodológico dos estudos

culturais em educação. Como recorte de um estudo mais amplo que tem buscado compreender os fatores envolvidos na recepção dos livros que compõem os acervos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) – Anos Iniciais do Ensino Fundamental, este texto aborda as representações de crianças que sofrem e as diferentes origens desse sofrimento sob três eixos temáticos: *pobreza e trabalho infantil*, *dificuldades no convívio social* e *medos infantis*. Configuram-se material de análise oito obras apenas de autores brasileiros que compõem os acervos do PNBE, referentes aos anos 2012 e 2014, e que contêm narrativas com texto verbal e ilustrações e somente com imagens.

Palavras-chave: literatura infantil, representações de crianças, PNBE.

Children suffering: representations of childhood in books distributed by PNBE

Rosa Maria Hessel Silveira
Marta Campos de Quadros

This article analyzes representations of childhood/child in Brazilian contemporary children's literature from the theoretical and methodological framework of cultural studies in education. As a part of a larger study that has sought to understand the factors involved in receiving books that make up the collections of the National Program Library in School (PNBE) – Early Years of Elementary School, this text discusses the representations of children suffering and the different origins of suffering according to three main themes: poverty and child labor, difficulties in social interaction and children's fears. The analysis is based on eight books by Brazilian authors that are part of the 2012 and 2014 collections of PNBE, and which contains verbal narratives with illustrations and wordless books.

Keywords: children’s literature, representations of children, PNBE.